

Comportamento de risco para infecções sexualmente transmissíveis em estudantes do ensino médio

Risk behavior for sexually transmitted infections in high school students

Bruna Bazzi Rizzon¹, Verônica Bendo de Souza¹, Kristian Madeira¹, Lucas Vieira Machado¹, Mariana Magalhães¹

Descritores

Saúde sexual; Adolescente; Gestação; Sexualidade; Prevenção

Keywords

Sexual health; Adolescent; Pregnancy; Sexuality, Prevention

Submetido:

04/08/2020

Aceito:

01/12/2020

1. Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, SC, Brasil.

Conflito de interesses:

Nada a declarar.

Autor correspondente:

Mariana Magalhães
Av. Universitária, 1.105, Bairro Universitário, 88806-000, Criciúma, SC, Brasil.
mary_rumo@yahoo.com.br

Como citar?

Rizzon BB, Souza VB, Madeira K, Machado LV, Magalhães M. Comportamento de risco para infecções sexualmente transmissíveis em estudantes do ensino médio. Femina. 2021;49(1):52-7

RESUMO

O trabalho avalia o comportamento de risco para infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) em estudantes do ensino médio de Urussanga-SC. A pesquisa foi observacional transversal, descritiva, com coleta de dados primários e abordagem quantitativa. A população estudada constou de alunos do ensino médio de escolas públicas e privadas de Urussanga-SC no ano de 2019. A amostra foi constituída por 178 indivíduos, sendo majoritariamente composta pelo sexo feminino (61,4%), e a média de idades foi de 16 anos ($\pm 1,04$). Do total, 50% haviam iniciado as atividades sexuais. Entre o sexo feminino, 48,1% relataram um parceiro, contrapondo-se com o sexo masculino, no qual 40,7% relataram quatro ou mais. Em relação ao conhecimento sobre manifestações de ISTs, 62,4% informaram dor na região genital como sinal de alerta, todavia a presenç a de feridas e corrimento foi reconhecida por menos de 40% dos adolescentes. A maioria dos adolescentes já recebeu orientações sobre sexualidade e afirmou possuir conhecimento sobre ela, porém os resultados demonstram falha no entendimento, sendo evidente a importância da educação sexual nas escolas.

ABSTRACT

The assessed work examined risk behavior for sexually transmitted infections (STIs) in high school students from Urussanga-SC. A cross-sectional, descriptive observational study, using primary data collection and a quantitative approach. The population studied contained high school students from public and private schools in Urussanga-SC in 2019. The sample was mainly composed of females and the average age was 16 years. From the total, 50% already started sexual activities. Of the female sex, 48.1% refer to one partner, by contrast, 40.7% of the male sex, refer to four or more partners. Regarding manifestations, 62.4% reported pain in the genital region as a warning sign, however, the presence of wounds and discharge was registered by less than 40% of adolescents. Most adolescents have already received some guidance on sexuality and reported having knowledge about the subject. Nevertheless, the results presented a lack of understanding, highlighting the importance of sex education in schools.

INTRODUÇÃO

Na adolesc ncia h  desenvolvimento, maturaç o sexual e necessidade de tomada de decis es e resolução de conflitos, mudanç as essas que participam do desenvolvimento pessoal.⁽¹⁾ Segundo Spring *et al.*,⁽²⁾ na adolescência as chances de ter múltiplos comportamentos de risco aumentam. Alguns jovens experimentam substâncias, como álcool e drogas ilícitas, além de

comportamentos que os colocam em situações de risco. Outro fator agravante é a falta de orientação tanto em ambiente escolar quanto familiar.

Um dos obstáculos no controle do vírus da imunodeficiência humana (HIV) é a transmissão entre os jovens de 15 a 24 anos, representando a maioria dos novos casos mundiais. Assim, é importante conhecer os comportamentos desses indivíduos, como média de idade da sexarca, identificando o melhor momento para abordar educação sexual nas escolas.⁽³⁾

A partir de dados coletados na Pesquisa Nacional de Saúde da Escola (PeNSE) de 2015, aproximadamente 30% dos adolescentes participantes relataram o uso de preservativo na última relação sexual, enquanto 19,5% declararam não utilizar nenhum método contraceptivo. Comparando esse resultado com o da pesquisa de 2009, o percentual de uso de preservativo na última relação sexual diminuiu 9,7%.⁽⁴⁾

No estudo de Martinez e Abma⁽⁵⁾ realizado entre 2011 e 2013, 18% dos meninos e 13% das meninas na idade de 15 anos tiveram relação sexual; aos 19 anos essa porcentagem chegou a 69% e 68%, respectivamente. Aproximadamente 93% das adolescentes que tiveram a sexarca entre 18 e 19 anos utilizaram um método contraceptivo; em oposição, das que tiveram a sexarca com 17 anos, 77% utilizaram.

No contexto de conexões, o sexo sem preservativo pode ser uma demonstração de confiança ao parceiro na esperança de um relacionamento sólido no futuro. Isso sugere que aqueles que procuram um relacionamento duradouro podem estar mais expostos às infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) do que aqueles que desejam parcerias casuais.⁽⁶⁾

Aproximadamente 1 milhão de pessoas contraem uma IST em todo o mundo diariamente. Apesar do avanço no diagnóstico, tratamento e prevenção, elas ainda representam um desafio na saúde pública. As manifestações clínicas de parte dessas infecções favorecem a disseminação silenciosa, em razão da falta de conhecimento da população, atrelada à baixa busca por auxílio médico.⁽⁷⁾

Mais de 30 bactérias, vírus e parasitas diferentes são transmitidos por meio do contato sexual. Sífilis, gonorréia, clamídia e tricomoníase são causadas por bactérias e protozoários e têm elevada incidência, mas são passíveis de cura. Já hepatite B, vírus herpes simplex (HSV), HIV e papilomavírus humano (HPV) são causadas por vírus.⁽⁸⁾

Em vista disso, o trabalho tem por objetivo avaliar o comportamento de risco para ISTs em estudantes do ensino médio de Urussanga-SC e o conhecimento deles acerca do assunto. A relevância do trabalho se dá pelo fato de que a falta de informações sobre ISTs e o comportamento de risco entre adolescentes representam problemas antigos, mas persistentes atualmente em nossa sociedade e ainda não solucionados.

MÉTODOS

O estudo foi realizado em escolas públicas e privadas do município de Urussanga-SC que ofertavam ensino médio, sendo a população estudada composta por adolescentes matriculados no primeiro semestre de 2019, totalizando 551 alunos. Foi realizada uma visita às escolas participantes, onde ocorreram a elucidação da pesquisa e a entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para cada aluno. Todos foram convidados a participar, entretanto apenas 178 indivíduos (32,3%) preencheram os critérios de inclusão e aceitaram participar da pesquisa. Como critério de inclusão, foram aceitos somente os alunos que trouxeram o TCLE assinado pelo responsável ou pelo próprio aluno, no caso de maioridade, e estavam presentes no dia da aplicação do questionário. Foram excluídos estudantes de escolas para educação de jovens e adultos.

A pesquisa caracteriza-se por um estudo observacional transversal, descritivo, com coleta de dados primários e abordagem quantitativa. Ela foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade do Extremo Sul Catarinense, de acordo com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, sob o Parecer nº 3.164.107 (CAAE: 03884118.9.0000.0119).

Os dados coletados foram analisados com o *software IBM Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)* versão 21.0. A variável quantitativa foi expressa por meio de média e desvio-padrão, e as variáveis qualitativas foram expressas por meio de frequência e porcentagem.

Os testes estatísticos foram realizados com nível de significância $\alpha = 0,05$ e, portanto, confiança de 95%. A distribuição dos dados quanto à normalidade foi avaliada pela aplicação do teste Kolmogorov-Smirnov.

A investigação da existência de associação entre as variáveis qualitativas foi realizada pelos testes Qui-quadrado de Pearson, Razão de Verossimilhança e Exato de Fisher, seguidos de análise de resíduo quando observada significância estatística.

Como instrumento de coleta de dados, foi utilizado um questionário, desenvolvido pelos próprios autores, a partir da literatura estudada, em que consta o perfil da amostra. Foi questionado sobre sexarca, número atual de parceiros, uso de preservativo. Para os que não utilizaram preservativo, questionou-se sobre formas de prevenção de ISTs e gravidez. Também houve perguntas sobre uso de álcool/drogas durante as relações e sobre locais onde recebem e/ou gostariam de receber orientação sexual. Por fim, foi avaliado o conhecimento relacionado à ISTs: forma de adquirir, manifestações e prevenção.

RESULTADOS

A tabela 1 mostra o perfil sociodemográfico, sendo 61,4% do sexo feminino e majoritariamente composta por heterossexuais. A média de idade foi de 16 anos, com 42,7% no primeiro ano do ensino médio e 31,5% no segundo.

Tabela 1. Perfil sociodemográfico de alunos do ensino médio do primeiro semestre de 2019

Variáveis	n (%), média ± desvio-padrão n = 178
Série escolar	
Primeiro ano	76 (42,7)
Segundo ano	56 (31,5)
Terceiro ano	46 (25,8)
Idade (n = 177)	
Anos	16,09 ± 1,04
Sexo (n = 176)	
Feminino	108 (61,4)
Masculino	68 (38,6)
Renda familiar (n = 175)	
Até 1 salário mínimo	10 (7,9)
De 1 a 2 salários mínimos	32 (25,2)
De 2 a 4 salários mínimos	61 (48,0)
Mais que 4 salários mínimos	24 (18,9)
Não sei informar	48
Orientação sexual (n = 177)	
Heterossexual	154 (87,0)
Bissexual	14 (7,9)
Homossexual	9 (5,1)

O comportamento sexual, analisado na tabela 2, associa a idade da sexarca com o sexo, e observou-se que 52,9% do sexo feminino e 45,3% do sexo masculino já iniciaram atividade sexual. A idade de iniciação predominante, em ambos os sexos, foi entre 15 e 16 anos.

Em relação ao uso de preservativo na sexarca, 78% alegaram ter utilizado, entretanto na última relação esse número diminuiu para 61%.

Comparando sexo e número de parceiros, foi encontrada significância estatística ($p = 0,042$); 48,1% das alunas relataram apenas um parceiro sexual e 40,7% dos alunos declararam quatro ou mais.

A utilização de drogas/álcool durante a relação sexual foi relatada por 51,7% do sexo masculino e 44,4% do feminino.

A tabela 3 apresenta o conhecimento da população estudada sobre ISTs. Dos 175 alunos que responderam, 84% afirmaram saber o que é. Além disso, 78% informaram ter conhecimento sobre aquisição, e 92,6% marcaram sexo sem preservativo, 57,9%, sexo anal, 46,1%, transfusão sanguínea, 41,6%, sexo oral e 14,6%, beijo. Quando interrogados sobre o que fazer para não adquirir uma IST, 97,4% assinalaram utilizar preservativo, 16,3%, tomar banho após a relação e 14,3%, usar anticoncepcional.

Tabela 2. Dados sobre atividade sexual de alunos do ensino médio

Variáveis	Sexo, n (%)		p-value
	Masculino	Feminino	
Já iniciou atividade sexual			
	n = 64	n = 102	
Sim	29 (45,3)	54 (52,9)	0,339±
Não	35 (54,7)	48 (47,1)	
Idade de início			
	n = 29	n = 53	
12 anos	1 (3,4)	1 (1,9)	0,630±
13 anos	3 (10,3)	1 (1,9)	
14 anos	3 (10,3)	9 (17,0)	
15 anos	10 (34,5)	18 (34,0)	
16 anos	10 (34,5)	20 (37,0)	
17 anos	2 (6,9)	4 (7,5)	
Utilizou preservativo na primeira relação			
	n = 29	n = 54	
Sim	23 (79,3)	42 (77,8)	0,872±
Não	6 (20,7)	12 (22,2)	
Utilizou preservativo na última relação			
	n = 28	n = 53	
Sim	21 (75,0)	30 (56,6)	0,103±
Não	7 (25,0)	23 (43,4)	
Número de parceiros			
	n = 27	n = 54	
Um	6 (22,2)	26 (48,1) ^a	0,042±
Dois	5 (18,5)	10 (18,5)	
Três	5 (18,5)	10 (18,5)	
Quatro ou mais	11 (40,7) ^a	8 (14,8)	
Utiliza drogas/álcool durante relação			
	n = 29	n = 54	
Sim	15 (51,7)	24 (44,4)	0,526±
Não	14 (48,3)	30 (55,6)	

[†] Valores obtidos após a aplicação do teste Razão de Verossimilhança.

[‡] Valores obtidos após a aplicação do teste Qui-quadrado de Pearson.

^a Valor estatisticamente significativo após a aplicação de análise de resíduo.

Sobre manifestações clínicas, 62,4% informaram dor na região genital, 46,1%, coceira e 41%, presença de feridas; presença de verrugas foi citada por 38,2% e corrimento, por apenas 31,5%. Questionados quanto ao risco aumentado de contaminação pelo HIV nos pacientes que apresentavam uma IST, 80,2% dos adolescentes assinalaram como verdadeiro. A tabela 4 mostra que existe associação estatisticamente comprovada ($p = 0,019$) entre o uso da pílula do dia seguinte com o não uso de preservativo na primeira relação sexual. Em contrapartida, aquelas que utilizaram preservativo na primeira relação não utilizaram a pílula após relações sexuais.

Tabela 3. Dados sobre o conhecimento dos alunos do ensino médio de 2019 sobre ISTs coletados a partir de questionário autoaplicável

Variáveis	n (%) n = 178
Sabe o que é IST? (n = 175)	
Sim	147 (84,0)
Não	28 (16,0)
Sabe como adquire? (n = 173)	
Sim	135 (78,0)
Não	38 (22,0)
Como adquirir?	
Sexo sem preservativo	172 (92,6)
Sexo anal	103 (57,9)
Transfusão sanguínea	82 (46,1)
Sexo oral	74 (41,6)
Compartilhamento de objetos	44 (24,7)
Beijo	26 (14,6)
Usar banheiros públicos	25 (14,0)
Masturbação	13 (7,3)
Tomar banho em rios e praias	6 (3,4)
O que usa para não adquirir uma IST?	
Camisinha	174 (97,4)
Banho após a relação	29 (16,3)
Anticoncepcional	26 (14,3)
Pílula do dia seguinte	12 (6,7)
Diafragma	11 (6,2)
DIU	9 (5,1)
Coito interrompido	6 (3,4)
Como se manifesta uma IST?	
Dor na região genital	111 (62,4)
Coceira	82 (46,1)
Dor na relação	73 (41,0)
Feridas	72 (40,4)
Verrugas	68 (38,2)
Corrimento	56 (31,5)
Febre	23 (12,9)
Vômito	14 (7,9)
Quem tem IST tem mais chance de adquirir HIV? (n = 172)	
Sim	138 (80,2)
Não	34 (19,8)

IST: infecção sexualmente transmissível; HIV: vírus da imunodeficiência humana; DIU: dispositivo intrauterino.

Tabela 4. Associação entre utilização de preservativo e uso de pílula dia seguinte em estudantes do ensino médio de 2019

Variáveis	Utilizou pílula do dia seguinte após relação sexual, n (%)		p-value
	Sim n = 17	Não n = 65	
Utilizou preservativo na primeira relação sexual?			
Sim	9 (52,9)	56 (83,6)	0,019†
Não	8 (47,1)	11 (16,4)	

† Valor obtido após a aplicação do teste Exato de Fisher.

Quando questionados sobre o meio em que gostariam de receber informações sobre ISTs, 74,4% marcaram a escola, seguida de profissionais de saúde, com 68%, e internet, com 48,3%. Outras opções ofertadas foram cartazes/panfletos, jornais, rádio, televisão, amigos, família e instituições religiosas, sendo de pouco interesse por parte dos adolescentes.

DISCUSSÃO

Após a análise dos dados, observou-se que 84,3% tiveram sexarca entre 14 e 16 anos, corroborando o estudo pernambucano de 2014 no qual a porcentagem de iniciação sexual nessa faixa etária foi de 68,6%.⁽⁹⁾ Um estudo de Pelotas-RS mostrou que a intervenção educacional precoce é de extrema importância, sendo necessário identificar a idade de início das atividades sexuais para, assim, averiguar a melhor hora de abordar o tema nas escolas.⁽¹⁰⁾

Quando realizada uma conexão entre sexo e número de parceiros, foi encontrada uma significância estatística ($p = 0,042$); 48,1% das alunas relataram ter tido apenas um parceiro sexual; já entre o sexo masculino, 40,7% informaram ter se relacionado com quatro ou mais parceiros. Esses dados corroboram uma pesquisa de 2017 nos EUA, na qual a prevalência de relações sexuais com quatro ou mais pessoas foi maior entre os estudantes do sexo masculino (11,6%) do que do feminino (7,9%).⁽¹¹⁾ Apesar de o número de parceiros sexuais ser fator de risco para ISTs, percebe-se que a manutenção de relações sexuais seguras com o uso adequado do preservativo é mais importante que a quantidade de parceiros sexuais.⁽¹²⁾

Constatou-se que comportamentos sexuais mantêm um padrão quando associados ao uso de preservativo na primeira e na última relação sexual. Dos que utilizaram preservativo na primeira relação, 71,4% referiram utilização na última também. Entre os que não utilizaram na primeira, 63,2% relataram a não utilização na última, tendo essa associação significância estatística. Embora não possam ser generalizadas as atitudes, entende-se que o que faz o indivíduo manter tais comportamentos são suas experiências ao longo da vida, adotando determinado comportamento e mantendo-o.⁽¹³⁾

Mesmo com a constância dos hábitos sexuais, observou-se queda de 16% no uso de preservativos da primeira para a última relação sexual e aumento no uso de anticoncepcional oral, passando de 5,9% para 66,7%, tornando os indivíduos mais vulneráveis às ISTs.⁽¹⁴⁾ Dados americanos sobre jovens, de 2003 a 2015, mostrou diminuição no uso de preservativo na última relação de 5,4% para o sexo feminino e de 7,3% para o sexo masculino. Uma explicação para esse resultado é que, conforme os relacionamentos estabilizam, o preservativo é substituído por outros métodos contraceptivos.⁽¹⁵⁾

Entre as adolescentes que não utilizaram preservativo na sexarca, houve associação com o uso da pílula do dia seguinte, sendo utilizada por 47,1% delas – dado esse comprovado estatisticamente. Isso reitera um estudo realizado com 633 mulheres, em que 60% já haviam feito uso de contracepção de emergência; os motivos foram estar sem preservativo no momento da relação, não confiar na contracepção em uso e o preservativo ter estourado ou ficado retido na vagina. Isso mostra que a maior preocupação dos jovens é a gestação indesejada e que eles não dão a devida importância às ISTs. Isso ocorre devido à falta de informação e educação e a alguns mitos e tabus.⁽¹⁶⁾

O uso de álcool é comum e tem aumentado entre os menores de idade por ser uma droga lícita e de fácil acesso. Dos participantes, 14,6% já ingeriram álcool antes da relação. Em um estudo gaúcho com 1.056 alunos, encontrou-se uma porcentagem ainda maior, de 47,3%. O álcool possui uma associação com condutas de risco, provocando diminuição da capacidade de discernir riscos, facilitando a iniciação de relações sexuais ou, então, o sexo com alguém com quem normalmente não fariam.⁽¹⁷⁾

Entre os alunos que relataram ter acesso à orientação sexual, 63,8% disseram já ter recebido em casa e 81,4%, na escola. Essas porcentagens são maiores, quando se compara a um estudo feito na Califórnia com alunos do nono ano, no qual a fonte de informações sexuais mais comumente relatada foram os pais (37,8%), seguidos por outro parente (17,1%) e escola (13,4%). Os jovens que recebem orientação sexual de adultos e apoio social em casa mudam seus comportamentos sexuais, resultando em adolescentes com menos parceiros sexuais e com maior índice de uso de preservativos na última relação.⁽¹⁸⁾

No que se refere ao conhecimento dos alunos sobre ISTs, 78% declaram saber como ocorre a aquisição. Quando questionados sobre as formas de transmissão, 98,5% dos estudantes reconhecem o sexo sem preservativo como comportamento de risco. Outras opções de transmissão facilitada, assinaladas por eles, foram: sexo anal (57%), transfusão sanguínea (46,7%), sexo oral (43%) e beijo (13%). Um estudo americano mostrou que os adolescentes educados por mais de uma fonte de informação tiveram maior conhecimento sobre ISTs.⁽¹⁹⁾

Em relação às manifestações das ISTs, de um total de 135 adolescentes, 63% reconhecem dor na região geni-

tal, 48,9%, coceira, 40,7%, dor na relação e apenas 34,1%, corrimento e 39,3%, verrugas. Um estudo realizado em Minas Gerais com 345 adolescentes mostrou que 41,6% relataram corrimento, 20,8%, dor nas relações sexuais, 12,5%, feridas nos órgãos genitais e 20,8%, verrugas genitais como manifestação das ISTs. Esses resultados revelam a necessidade de informações e conhecimento adequado sobre proteção sexual, visando à melhoria da saúde sexual dos adolescentes.⁽²⁰⁾

Como limitações do estudo, pode ser citado o tamanho restrito da amostra devido ao não preenchimento do TCLE assinado pelos responsáveis legais, não sendo possível generalizar os resultados encontrados. Pelo fato de o questionário não ter sido identificado com o nome dos alunos, as interferências com relação ao constrangimento foram mínimas.

CONCLUSÃO

É necessário aumentar a visibilidade do tema, visto que ele representa um problema antigo que permanece na sociedade atualmente e é agravado pela falta de políticas públicas adequadas. Embora a maioria dos adolescentes relate recebimento de orientações sobre ISTs e afirme possuir conhecimento sobre o tema, os resultados obtidos demonstram uma falha no real entendimento, mostrando a necessidade de abordagem do tema, antes da idade de iniciação sexual, nas escolas e ambiente familiar, locais relatados como de preferência. Outro dado preocupante no que tange ao tema saúde pública é o aumento da não utilização de preservativo da primeira para a última relação sexual, principalmente entre o sexo feminino. Ficou evidente o entendimento dos adolescentes quanto à importância do preservativo, porém o hábito de não o usar se repete. Isso levanta a hipótese de que a maior preocupação atual do jovem pode ser a gravidez indesejada, visto que grande parte do sexo feminino da amostra estudada teve aumento do uso de anticoncepcionais, concomitantemente com a diminuição do uso de preservativo. Diante disso, é evidente a importância da educação sexual nas escolas, seja ela por professores ou profissionais da saúde, associada à criação de políticas públicas eficazes. A faixa escolar é a principal favorecida com essa educação, visto que é nessa idade que se iniciam as atividades sexuais. Um adolescente com conhecimento sobre o assunto será um adulto mais responsável.

REFERÊNCIAS

1. Wilkinson TA, Carroll AE. The role of pediatricians in reproductive health advocacy. *JAMA Pediatr.* 2018;172(6):509-10. doi: 10.1001/jamapediatrics.2018.0116
2. Spring B, Moller AC, Coons MJ. Multiple health behaviours: overview and implications. *J Public Health (Oxf).* 2012;34 Suppl 1:i3-10. doi: 10.1093/pubmed/fdr111

3. Tarkang EE, Pencille LB, Dadah E, Nzegge MM, Komesuor J. Highly prevalent at-risk sexual behaviours among out-of-school youths in urban Cameroon. *Pan Afr Med J*. 2018;30:254. doi: 10.11604/pamj.2018.30.254.15775
4. Felisbino-Mendes MS, Paula TF, Machado IE, Oliveira-Campos M, Malta DC. Analysis of sexual and reproductive health indicators of Brazilian adolescents, 2009, 2012 and 2015. *Rev Bras Epidemiol*. 2018;21 Suppl 1:e180013. doi: 10.1590/1980-549720180013.supl.1
5. Martinez GM, Abma JC. Sexual activity, contraceptive use, and childbearing of teenagers aged 15-19 in the United States. *NCHS Data Brief*. 2015;(209):1-8.
6. Lima LM, Hoelzle CR, Simões RT, Lima MIM, Fradico JRB, Mateo ECC, et al. Sexually transmitted infections detected by multiplex real time PCR in asymptomatic women and association with cervical intraepithelial neoplasia. *Rev Bras Ginecol Obstet*. 2018;40(9):540-6. doi: 10.1055/s-0038-1669994
7. de Mendoza C. HIV epidemics - current burden and future prospects. *AIDS Rev*. 2017;19(4):239.
8. World Health Organization. Sexually transmitted infections (STIs). 2016 [cited 2018 Oct 17]. Available from: [https://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/sexually-transmitted-infections-\(stis\)](https://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/sexually-transmitted-infections-(stis))
9. Mola R, Araújo RC, Oliveira JVB, Cunha SB, Souza GFF, Ribeiro LP, et al. Association between the number of sexual partners and alcohol consumption among schoolchildren. *J Pediatr (Rio J)*. 2017;93(2):192-9. doi: 10.1016/j.jpdp.2016.07.010
10. Silveira MF, Béria JU, Horta BL, Tomasi E, Victora CG. Factors associated with the risk behaviors for sexually transmitted disease/AIDS among urban Brazilian women: a population-based study. *Sex Transm Dis*. 2002;29(9):536-41. doi: 10.1097/00007435-200209000-00008
11. Kann L, McManus T, Harris WA, Shanklin SL, Flint KH, Queens B, et al. Youth risk behavior surveillance – United States, 2017. *MMWR Surveill Summ*. 2018;67(8):1-114. doi: 10.15585/mmwr.ss6708a1
12. Fernandes MA, Bezerra MM, Moura FMJSP, Alencar NES, Lima FFF, Castro AED. Infecções sexualmente transmissíveis e as vivências de mulheres em situação de reclusão. *Rev Enferm UERJ*. 2016;24(6):e27774. doi: 10.12957/reuerj.2016.27774
13. Moreira LR, Dumith SC, Paludo SS. Condom use in last sexual intercourse among undergraduate students: how many are using them and who are they? *Ciênc Saúde Coletiva*. 2018;23(4):1255-66. doi: 10.1590/1413-81232018234.16492016
14. Rabelo STO, Falcão Júnior SP, Freitas LV, Lopes EM, Pinheiro AKB, Aquino PS, et al. Gravidez e DST: práticas preventivas entre universitários. *DST J Bras Doenças Sex Transm*. 2006;18(2):148-55.
15. Harper CR, Steiner RJ, Lowry R, Hufstetler S, Dittus PJ. Variability in condom use trends by sexual risk behaviors: findings from the 2003-2015 National Youth Risk Behavior Surveys. *Sex Transm Dis*. 2018;45(6):400-5. doi: 10.1097/OLQ.0000000000000763
16. Olsen JM, Lago TDG, Kalckmann S, Alves MCGP, Escuder MML. Young women's contraceptive practices: a household survey in the city of Sao Paulo, Brazil. *Cad Saúde Pública*. 2018;34(2):e00019617. doi: 10.1590/0102-311X00019617
17. Strauch ES, Pinheiro RT, Silva RA, Horta BL. Alcohol use among adolescents: a population-based study. *Rev Saúde Pública*. 2009;43(4):647-55. doi: 10.1590/S0034-89102009005000044
18. Eversole JS, Berglas NF, Deardorff J, Constantine NA. Source of sex information and condom use intention among Latino adolescents. *Health Educ Behav*. 2017;44(3):439-47. doi: 10.1177/1090198116671704
19. Luces Lago AM, Porto Esteiro M, Mosquera Pan L, Tizón Bouza E. Una manera diferente de abordar la sexualidad, la contracepción y la prevención de infecciones de transmisión sexual desde la escuela en la Costa da Morte. *Enferm Glob*. 2015;14(39):137-54.
20. Santos LA, Izidoro TCR, Silvério ASD, Messora LB. Avaliação do conhecimento de adultos e adolescentes sobre doenças sexualmente transmissíveis – DSTs. *Adolesc Saúde*. 2015;12(1):23-7.